

HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA E AS ESCOLHAS DESOBEDIENTES: por uma sociologia do desprendimento

HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA Y OPCIONES DE DESOBEDIENTES: por una sociología del desapego

Nathalia Flores Soares¹
Edgar Cézar Nolasco²

Resumo

Este trabalho propõe uma leitura crítico-biográfica fronteiriça de cunho descolonial acerca do trabalho da intelectual Heloisa Buarque de Hollanda visando abordar questões pertinentes ao seu projeto intelectual que se dedica a refletir e articular ideias a partir de/sobre marginalidades e periferias. Buscando articular as reflexões engendradas pela opção descolonial em diálogo com a resistência presente nas periferias do Brasil. Pensado isso, pretendemos ressaltar uma sociologia das emergências (SANTOS, 2019) para que possamos aproximar o projeto de Heloisa Buarque de Hollanda com a opção descolonial e com o pensamento de fronteira engendrada, dentre outros, por críticos como Walter Mignolo e Boaventura de Souza Santos

Palavras –chave: Fronteira, Descolonialidade, Cultura.

Resumen

Este trabajo propone una lectura descolonial de frontera crítico-biográfica sobre la obra de la profesora Heloisa Buarque de Hollanda con el objetivo de abordar temas pertinentes a su proyecto intelectual que se dedica a reflejar y articular ideas desde / sobre marginales y periferias. Buscando articular las reflexiones engendradas por la opción descolonial en diálogo con la resistencia presente en las periferias de Brasil. Con eso en mente, pretendemos resaltar una sociología de las emergencias (SANTOS, 2019) para que podamos abordar el proyecto de Heloisa Buarque de Hollanda con la opción decolonial y con el pensamiento fronteirizo, por críticos como Walter Mignolo y Boaventura de Souza Santos.

Palabras clave: Frontera, Descolonialidad, Cultura.

Tomar distancia no significa descartar o echar a la basura de la historia toda esta tradición tan rica, y mucho menos ignorar las posibilidades históricas de emancipación social de la modernidad occidental. Significa asumir nuestro tiempo, en el continente latinoamericano

(SANTOS. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, p.20)

¹ Mestranda em estudos de Linguagens; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; e-mail: nathalia.f.soares@hotmail.com

² Professor Titular dos Cursos de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; e-mail: ecnolasco@uol.com.br

Desaprender não significa esquecer. Significa lembrar de um modo diferente.

(SANTOS, *O fim do império cognitivo*, p. 225)

Neste trabalho *corpo-político* pretendemos argumentar em favor das epistemologias que emergem do Sul como modo de resolver os impasses epistemológicos advindos da modernidade, as epígrafes ao seu modo ilustram a discussão que ensejo traçar rumo ao desprendimento. Boaventura de Sousa Santos nos introduz a ideia de descolonização por meio da reinvenção do poder, a qual aconteceria por meio do pensamento fronteiro e culminaria no fim do império cognitivo, contudo, ainda é necessário um grande trabalho para se possa pensar em soluções *não-modernas* para resolver nossa condição fronteiriça.

O fato é que existem epistemologias hegemônicas que fundamentam todo o pensar ocidental, para o fazer descolonial é imprescindível a criação de teorizações outras por meio de *metodologias do desconforto* (SANTOS, 2019, p.123), tal sentimento ocasionado pela desobediência à forma hegemônica colonial metodológica. Com base nas elucubrações e Santos entendemos que: nosso trabalho e nossa pesquisa partem sempre em direção do desprendimento e desconforto, tendo sempre em mente que nossa aliada Heloisa Buarque de Hollanda nos possibilita pensar na lógica da diferença e ensaiar uma teorização que valorize as margens e fronteiras do conhecimento.

Na esteira das teorizações de Santos, desaprender não significa ignorar sensibilidades, histórias locais e um passado que moldou o ocidente. Significa tomar uma distância saudável de modo a assumir nuestro tiempo, en el continente latinoamericano, como un tiempo que revela una característica transional (SANTOS, 2019, p.20). Nós, os latinos americanos estamos caminhando de maneira inédita rumo a descolonização, uma vez que compreendemos nosso *locus* e nosso *bios*, nossas pesquisas e projetos intelectuais ressaltam a opção descolonial e nos dão um horizonte a partir e sobre as fronteiras que atravessam nossas vidas.

As ditas epistemologias do Sul nascem nesse interim de fronteiras, de modo a nos guiar face ao desprendimento das amarras europeias, a metodologia inédita trata de reiterar nós sujeitos da exterioridade em nossos caminhos descoloniais, como afirma Santos:

La sociología de las ausências y la sociología de las emergencias marcan la distancia con relación a la tradición crítica occidental. A partir de ellas es posible delinear una posible alternativa, a la cual he llamado epistemología del Sur.³

Os conceitos de Santos aqui evocados são importantes para que eu pense em uma metodologia do Sul, a *sociologia das ausências* assim como outros conceitos os quais trabalhei, colaboram de maneira magistral para minha linha de raciocínio, haja vista que o que Santos esta chamando de sociologia das ausências é a possibilidade de tornar possível o que foi posto como impossível pelo projeto mundo colonial moderno, tonar possível o pensamento fronteiriço, desse modo, vejo a possibilidade de crescimento de minha própria pesquisa rumo ao fazer descolonial, de modo que as ausências deixadas pela hegemonia moderna não me representam mais.

Ainda na esteira desses pensamentos, evoco para a discussão outro conceito também cunhado por Santos acerca das sociologias das emergências, as quais representam de fato o que eu e minha aliada buscamos fazer por meio da pesquisa acadêmica, pensar em futuros, culturas e políticas que prezem pela vida e que sejam pensadas a partir de locis específicos de enunciação:

La sociología de las emergencias consiste en sustituir el vacío del futuro según el tiempo lineal (un vacío que tanto es todo como es nada) por un futuro de posibilidades plurales y concretas, simultáneamente utópicas y realistas, que se va construyendo en el presente a partir de las actividades de cuidado.(SANTOS, 2019, p.27)

As epistemologias do Sul têm emergência em construir futuros realistas e plurais para que representem as exterioridades, nossa pesquisa se inclui como um modo de *sociologia das emergências*, assim como o trabalho de Heloisa Buarque de Hollanda, na medida em que é necessário que emerjam teorização periféricas, somos esse duo-simbiótico ligado através das ausências e emergências, o que nos fala, encontramos em nossa aliada e vice-versa, juntos trilhamos um caminho rumo á um futuro plural.

É por meio dessa prática outra realizada no interim das comunidades, que Heloisa tem contato com as várias histórias locais e contribui para o desprendimento das narrativas mestras que insistem em estigmatizar os sujeitos da exterioridade. Acerca dos projetos com as periferias, a intelectual afirma que:

Eu sinto a academia muito monolítica, muito pouco porosa. Comecei a me envolver e a pesquisar a cultura das periferias em 1993. Meu foco era discutir a mobilidade dessa cultura e sua relação com o centro (se é que essas categorias fazem algum sentido). A

³ SANTOS. *Descolonizar ele saber, reinventar el poder*, p. 27.

partir daí formamos uma rede de pesquisa latino-americana e comecei a me aplicar seriamente na pesquisa e na escuta das comunidades periféricas.(HOLLANDA, 2019, p. 29, grifos meus.)

Dado o exposto, trago o relato de Heloisa como uma forma de consolidar minha teorização, percebe-se que o “papel do intelectual” (SAID, 2005) é efetivado pela autora através do diálogo entre periferia e universidade, nesse sentido, a intelectual trabalha com seus privilégios de classe para ressaltar a produção intelectual advinda das margens, de modo que sejam valorizadas por suas sensibilidades e fazendo com que caminhem rumo ao desprendimento da ideologia messiânica colonial que insistiu em classificar e excluir as subjetividades.

Finalmente, entendemos que esse futuro o qual ensejamos por meio da descolonialidade só nos é possibilitado graças ao Sul que habitamos, o desprendimento, a desobediência nos são indispensáveis para representar nossa condição de sujeitos sensíveis que habitam uma fronteira, nosso corpo se engasta nessas margens e nessa terra vermelha da fronteira-Sul. Queremos nos desprender do colonialismo e pensar em possibilidades outras que prezem pela nossa vida e pela de Heloisa. Vejo que nós, corpos da exterioridade já avançamos muito rumo ao processo de descolonização, podemos falar, sentir, ser e principalmente nos desprender, como nas palavras de Mignolo: “*Si, podemos, debemos y lo estamos haciendo*” (MIGNOLO, 2019, p. 159)

REFERÊNCIAS

BOTELHO, André; COSTA, Cristiane; COELHO, Eduardo; STROZENBERG, Llana. *Onde é que eu estou?*. Rio de Janeiro, 2019. Editora: bazar e tempo.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica (II), pensamiento independiente y libertad de-colonial. Disponível em: <<http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Mignolo.pdf>>. Acesso: 28 Set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montivideo: Ediciones Trilce, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SAID, Edward. W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.